

PERCURSO DA RIBEIRA DAS QUELHAS

Extensão: Cerca de 5 Km

Tipo: Circular

Variação altitudinal: 230 m, variando com um mínimo aos 720 m e a máxima altitude aos 950 m

Declives: Muito acentuados em duas partes do traçado.

Grau de dificuldade: De elevada a muito elevada nos troços de maiores declives.

Duração: aproximadamente 4 horas.

Local do início e final do percurso:

Início: Coentral

Fim: Coentral

Faixa etária recomendada: Maiores de 15 anos até cerca dos 50, dependendo da condição física

Período recomendado: Todo o ano, com destaque para o Outono e Inverno

O Percurso desenvolve-se ao som de uma sinfonia aquática interpretada pelas águas apressadas das ribeiras das Quelhas e de Pêra.

Cruzando granitos e xistos que se elevam junto á Ribeira das Quelhas num fragueado inacessível adornado de azinheiras e azevinhos que pendurados nas rochas procuram um seguro refúgio contra as arremetidas do homem, dos gados e do fogo. Á sombra de um arvoredado diversificado onde o Carvalho-alvarinho tem um dos seus melhores solares no nosso país, a alvura do Coentral em contraste com o que resta das suas antigas e escuras casas de granito, apela-nos para uma subida ao adro da igreja.

Depois da aldeia as duas ribeiras juntarão suas águas que seguem num vale aprazível em direcção a Castanheira de Pêra. Mas lá de cima, do interior da serra, um desafio à nossa resistência e ao instinto de descoberta, atrainos em direcção ao ventre de onde nascem estas ribeiras de águas gélidas e límpidas.

Iniciamos o percurso na parte superior do Coentral nas traseiras de uma **moderna construção que serve de abrigo ao gado** da aldeia (720) m. Aqui

encontraremos um **caminho a subir** que nos conduzirá ao longo da margem direita da Ribeira das Quelhas. Os granitos afloram de um solo quase inexistente, mas onde subsistem carvalhos, azevinhos, e , aqui e ali, alguns tufos de gilbardeira. Doravante a qualidade do piso piorará substancialmente: a subir e com muita pedra solta, todo o cuidado será pouco.

Alguns exemplares de azevinho ainda resistem às investidas do gado. As margens da Ribeira apresentam uma vegetação já muito pouco comuns. Em contraste, as encostas que ladeiam perderam a sua floresta primitiva e actualmente, apresentam um aspecto escalvado incomparável com a exuberância da linha de água.

O trilho está inicialmente estabelecido no granito mas, mais para a frente, os xistos dominarão. Um pouco a descer mas depois sempre a subir, seguimos as marcações, única referência que, os milhares de pratas de pequenos ruminantes que se apascentam por aqui, não removem do seu sítio. Cruzamos uma linha de água e o melhor será procurar um ponto mais elevado da pedregosidade do terreno para uma pausa contemplativa. O mais difícil está a vir. O mais admirável também, Retomando o trilho preparemo-nos para uma difícil passagem numa rocha mais saliente, só ultrapassáveis com o auxílio de ambas as mãos. Logo após, um pequeno promontório e uma pequena lagoa totalmente coberta por densa vegetação, convencem-nos de que aqui não há lugar a pressas: é a Natureza que marca o nosso ritmo cativando a nossa atenção.

O próximo troço é um dos mais difíceis. Levar-nos-á, nesta margem, ao topo da escarpa que divisamos lá no cimo. O trajecto junto á Ribeira é deveras mais difícil e não permite desfrutar o cenário envolvente. Faça cuidada e pausadamente a subida.

Atingido o topo do escarpado, sentimos a importância do fragedo, ornamentado aqui e ali por núcleos de vegetação ou por árvores suspensas no vazio e que apenas se agarraram pelas suas raízes ás fendas das escarpas. Encontramo-nos num lugar de características únicas do ponto de vista botânico: quase lado a lado encontramos uma espécie caracteristicamente atlântica- o azevinho - e uma espécie caracteristicamente continental- a Azinheira, ambas aqui representadas por notáveis exemplares, tendo em conta as condições de solo em que vegetam.

Daqui observamos que a Ribeira, num apertado encaixe, descreve um zig-zague tumultuoso com duas curvas quase em ângulo recto que desembocam na base do imponente fraguedo. Antes de deixarmos este local, valerá a pena um olhar para trás em direcção SW, ao longo de todo o vale e para o cume fronteiro: O cabeça Pião.

Em ritmo calmo e contemplativo teremos subido durante 45 minutos.

Nota: Se considerar que a sua capacidade física está próxima do limite, inicie o regresso pelo mesmo caminho. No início do percursos procure atingir, em sentido inverso, Vale Silveira. Passamos aqui o afloramento e prosseguimos, para a esquerda ,ao longo da margem direita da Ribeira por um trilho, já quase inexistente, invadido pelos matos.

Divisamos mais duas pequenas cascatas emolduradas por Azevinhos, Pilriteiros e Amieiros, ao lado das quais se iniciará um dos mais penosos troços deste percurso: a ascensão efectuar-se-á, em linha recta, encosta acima, entre urzes, carqueja e afloramentos rochosos, até atingirmos o estradão florestal.

Atingindo este (1h 10 m) (965m) (1,3 km) o traçado do percurso segue para a esquerda ao longo do estradão, quase sempre a descer até ao Coentral.

ETAPAS DO PERCURSO

ETAPA I – AS MARGENS DA RIBEIRA DAS QUELHAS

Este percurso inicia-se e termina na aldeia do Coentral.

Nesta etapa, segue-se junto à ribeira num trilho que se encontra relativamente definido e com início junto do cabril comunitário, que abriga os rebanhos da aldeia.

Aqui a vegetação prolifera, com destaque para os carvalhos, azevinhos, castanheiros, amieiros e salgueiros, bem como alguns tufos de gilbardeira e fetos, nomeadamente o feto real.



ETAPA II – AS CASCATAS DAS QUELHAS

Seguindo a ribeira, poderá até saltitar de uma para outra margem, conforme lhe parecer o melhor caminho até começar a avistar as belas cascatas que se vão despenhando estrondosamente, formando pequenos lagos de água cristalina, que convidam a banhos privilegiados e recatados.



ETAPA III – AS FRAGAS DAS QUELHAS

Após passarmos a cascata mais alta, observamos um paredão de pedra granítica. É altura de começar a subir as fragas em direcção ao norte. Podemos observar pequenos núcleos de vegetação que milagrosamente ali sobrevivem. Segundo o ponto de vista botânico este é um local único porque, lado a lado, encontramos a quase 1000 metros de altitude e penduradas nas paredes rochosas, seculares e imponentes exemplares consociados de azevinho e azinheira.



ETAPA IV – A ESTRADA BRANCA

Após uma árdua subida, entre urzes, carqueija e afloramentos rochosos, atinge-se uma estrada branca que seguimos em direcção a oeste (para a esquerda), a descer até quase ao Coentral. Aí, temos ao nosso lado direito, na estrada de alcatrão, uma reentrância que indica uma levada de água, por onde seguimos.

ETAPA V – O VALE SILVEIRA

Passando pela levada de água, que em tempos desempenhava um papel importante na agricultura de subsistência, chegamos a uma ponte de madeira que nos indica que estamos no Vale Silveira, local de uma rara beleza, enriquecida por uma vegetação luxuriante, dominada por castanheiros, constituindo um souto num espaço relativamente plano, ladeado de água e muros em pedra tosca.



ETAPA VI – A CAMINHO DO COENTRAL

Após saboreada a presença no Vale Silveira, é tempo de voltar para o Coentral, não sem antes, apreciarmos as belas cascatas da Ribeira de Pera. Seguimos então por um caminho que nos levará até ao Coentral, rodeado por castanheiros, carvalhos e salgueiros, entre outras espécies.



ETAPA VII – A ALDEIA DO COENTRAL

Estamos de volta à bonita aldeia do Coentral, onde nos podemos demorar nas vielas intrincadas e descobrir os encantos da sua arquitectura serrana.



Extensão: 4 Km

Tipo: Circular. Com início e término no Coentral.

Grau de dificuldade: Elevado

Não é aconselhável percorrê-lo individualmente.

Duração: 3 horas. Indicado para dia inteiro, dados os muitos motivos para estadias contemplativas e desfrute da diversidade enriquecedora dos diversos locais.

Destinatários: Na sua totalidade para idades entre os 14 e 60 anos.

Nos troços mais próximos do Coentral e até ao Vale Silveirinha com ida e volta pela levada de água, a partir dos 4 anos.

Períodos recomendados: Todo o ano.

(No Inverno pela maior espectacularidade das linhas de água e das mais magníficas quedas.

No Verão pela particularidade de se poderem incluir uns banhos retemperadores.)

Quanto à paisagem, todas as estações têm os seus particulares e óbvios pontos fortes. Dos azevinhos de cores fortes e dos cumes da serra com neve no Inverno, aos coloridos multifacetados do Outono.